



#cm
2
TERÇA-FEIRA

Bendito fruto, Tom Zé!

Tom Zé, **o mais tropicalista dos tropicalistas**, está chegando **aos 90 anos** e ainda se alimenta de **criatividade ao lado das novas gerações**. O cantor e compositor baiano **acaba de lançar o single 'Futuro Fruto'** em parceria com Marcelo Segreto e cantora estreante Loretta, **de 43 e 26 anos**. Página 3

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS

Ana Clara Miranda/Divulgação



Marcelo Jardim com a Orquestra da UFRJ

Sucesso da Wasbe Rio abre portas para 2029

Realizada pela primeira vez no Brasil, a Wasbe Rio 2026 (Associação Mundial de Bandas Sinfônicas e Conjuntos de Sopro) publicou os números que comprovam seu sucesso. O evento reuniu cerca de 3.300 músicos, entre bandas, orquestras, grupos e duos. Músicos que vieram de 20 estados brasileiros e 32 países. Cento e vinte oficinas ministradas. O público teve acesso a 60 concertos, gratui-

tos ou com preços populares no Theatro Municipal e Sala Cecília Meireles entre outros espaços. German David Tovar (Colômbia), venceu o concurso de regência, e os estadunidenses Wes Coffin e Ian Schwalbe e o chinês Jui-Yng Huang foram os vencedores do de composição. O maestro Marcelo Jardim, Diretor Executivo do Comitê Organizador Local, já pensa no futuro: 2029 está logo ali...

Viva nossa música!

A Academia Brasileira de Música anuncia o Ano da Música Brasileira 2027, para celebrar a diversidade e a riqueza da nossa criação musical. Com realização prevista em diferentes regiões do país, a iniciativa reunirá concertos com artistas brasileiros e internacionais, cursos para jovens solistas e coros, palestras com artistas brasileiros do Brasil e do exterior. Além disso, está prevista a série de concertos didáticos “Brasilianinhas”, que integram música, palavra e dramaturgia de forma acessível, e a homenagem a 14 dos nossos mais importantes compositores.

Eu recomendo

O relançamento do filme “A Professora de Piano” (vencedor do Grand Prix de Cannes 2001) com Isabelle Hubert numa interpretação que lhe valeu o prêmio de melhor atriz naquele festival. Um intenso drama psicológico ao som de Schubert e Rachmaninoff.

Música barroca

A Orquestra Barroca da União Rio apresenta neste sábado (29), às 17h, no Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF), um programa com obras de Telemann, Kohaut, Dornel e Vivaldi. Ótima pedida para ouvir cordas, baixo contínuo e flautas doces. Ingressos a R\$ 40.

Flautas domingueiras

A Orquestra Carioca de Flautas se apresenta neste domingo (30), às 11h, na Cidade das Artes Bibi Ferreira (Av. das Américas 5.300). No programa, obras de Alberto Nepomuceno, Áurea Regina Coelho, Pixinguinha, Luiz Carlos da Vila, entre outros compositores. Participação especial Nathaly Joyce e Thayssa Helen (voz). Ingressos a partir de R\$ 20.



Igor Siqueira/Divulgação



Reprodução Facebook

Filho de um casal de pianistas, Tomás tornou-se um dos mais inventivos instrumentistas

Morre Tomás Imbrota, aos 77

Talento da música instrumental tocou com grandes nomes da MPB e lançou dez discos. Se fez conhecido por integrar A Outra Banda da Terra, que acompanhava Caetano Veloso

AFFONSO NUNES

Aos cinco anos, sem nunca ter tocado uma lição formal, Tomás Imbrota França sentou ao piano e venceu o Concurso de Iniciação Musical do Conservatório Brasileiro de Música. Era o primeiro sinal de uma musicalidade latente herdada do pai, o pianista e crítico Eurico Nogueira França, e da mãe, a pianista erudita Ivy Imbrota. Nascido no Rio em 24 de setembro de 1948, Tomás completaria 78 anos no próximo mês. Morreu neste domingo (23), aos 77, depois de enfrentar um câncer na garganta.

Tomás cresceu entre partituras e discos. Na década de 1960, a sofisticação harmônica do jazz e a bossa seduziram o rapaz que ainda era pianista amador. Formou-se com professores do calibre de Francisco Mignone e Marlos Nobre, em composição, e Tenório Junior, no piano popular. A partir de 1970, acompanhou em palcos e estúdios uma lista que parece um índice da MPB: Gal Costa, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Chico Buarque, Djava, Zezé Motta, Nara Leão, Baden Powell, Elizeth Cardoso, Elba Ramalho...

Foi com Caetano Veloso, porém, que a parceria foi mais intensa. No fim de 1977, Caetano montou A Outra Banda da Terra — com Tomás nos teclados, Arnaldo Brandão no baixo e Vinícius Cantuária

“Seu piano totalmente solto, mas misteriosamente ligado com o que me vinha à cabeça em cada momento de show, era a música em seu brilho espontâneo”

CAETANO VELOSO

na bateria. Esta formação esteve por trás de discos fundamentais da obra caetanica como “Muito” (1978), “Cinema Transcendental” (1979), “Outras Palavras” (1981), “Cores, Nomes” (1982) e “Uns” (1983). O piano de Tomás ali era algo difícil de nomear — solto, errante, mas perfeitamente costurado às canções. “Seu piano totalmente solto mas misteriosamente ligado com o que me vinha à cabeça em cada momento de show, no tempo da Outra Banda da Terra, era a música em seu brilho espontâneo”, disse caetano em suas redes ao comentar a perda do amigo.

Em 1980, o Jornal da Música o apontou como o melhor tecladista do país. Seu grupo instrumental Mandengo figurou entre os melhores do ano. Tocou no prestigiado Festival de Jazz de Montreux, na Suíça, por duas vezes, assinou a trilha premiada do filme “Bar Esperança” e participou dos shows “Doces Bárbaros” e “Bahia de Todos os Samba”, este realizado em Roma.

Mas havia em Tomás um impulso pedagógico tão forte quanto o musical. Em 1986, fundou no

bairro de Botafogo a Escola de Música Cenário, por onde passaram gerações de alunos. Escreveu mais de dez livros didáticos, entre eles o “Curso de Harmonia Popular” (1998) e “Aprendendo a ler música”, pela Irmãos Vitale. Manteve coluna mensal na revista BackStage e produziu programas de jazz para as rádios MEC e Roquete Pinto.

Nos anos 1990, voltou-se quase integralmente para a carreira solo. A discografia instrumental que construiu é das mais refinadas do gênero no Brasil: “Tear” (1992); “Bartok Jazz” (1995), com releituras jazzísticas da obra do compositor russo; “Certas Mulheres” (1998); “Dorival” (2003) — em que recriou Caymmi com sua classe —; o disco em duo com a flautista Andrea Ernest Dias (2008); “A volta de Alice” (2015), com Raul de Souza e Marcelo Martins; e “Olha pro Céu” (2017), seu décimo e derradeiro trabalho solo.

Nas redes, instrumentistas como Kiko Continentino e Dirceu Leite e muitos prestaram homenagens. “Músico da maior importância para a música brasileira”, definiu Dirceu.

O novo fruto do mais fiel dos tropicalistas

Prestes a completar 90 anos, Tom Zé segue sua vocação vanguardista e lança o single 'Futuro Fruto' em colaboração com Marcelo Segreto, de 43, e a estreante Loretta, de 23

Sofia Colucci/Divulgação



Tom Zé reafirma sua verve criativa em single a seis mãos com Marcelo Segreto e a estreante Loretta

AFFONSO NUNES

Às vésperas de completar 90 anos, Tom Zé segue inquieto como menino investigador. E brinca de braços dados com a criatividade, a invenção. O maior guardião do legado tropicalista acaba de lançar nas plataformas digitais o single “Futuro Fruto”, uma

criação a seis mãos com Marcelo Segreto e Loretta e distribuição Dobra Discos em parceria com a Gravadora Experimental, selo do Curso de Produção Fonográfica da Fatec-Tatuí (SP).

Nessas 90 voltas em torno do sol Antônio José Santana Martins tem muita história para contar. Talvez por isso gosta de proclamar sua música como “jornalismo cantado”. E a nova faixa concebida com artistas bem mais novos - Segreto tem 43 anos, e Loretta, 26 - chega ao públi-

co como lançamento isolado, não integra álbum ou EP (ao menos por enquanto). É fruta colhida e oferecida sem promessa de safra maior.

“Mesmo que fosse escolhida uma pessoa-fruta, eu queria escolher uma fruta que nunca tinha existido”, avisa o vanguardista Tom Zé nos primeiros versos da faixa. “Futuro Fruto” base de um texto livre escrito pelo compositor e transformado em poema por Loretta para, em seguida, ser musicado pelo trio, que conta ainda com Marcelo Segreto, responsável

pelo arranjo e produção.

A canção satiriza a idealização romântica do amor e da arte, recuperando o contraste que atravessa a Tropicália desde sua origem em fins dos anos 1960: o mito do Jardim do Éden contra a dureza da realidade urbana.

O termo “bruto jardim” aparece na letra como autorreferência ao movimento — aquele jardim árido cultivado em 1968 por um grupo de baianos que incluía Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e o próprio

Tom Zé, e que ganhou nome emprestado de uma instalação de Hélio Oiticica, batizada por Nelson Motta em matéria bem-humorada do Jornal do Brasil.

Apesar do tom filosófico, a obra é leve. Seu arranjo exclusivamente de metais — dois trompetes, trompa, trombone e tuba — imprime a cadência de banda marcial de rua, fazendo a canção deslizar com graça e humor. Os sopros foram gravados na sede da Gravadora Experimental por um quinteto formado por Caíque Zacharias e Tarek Viana (trompetes), Júlio César (trompa), Bruno Pereira (trombone) e Ricardo Souza (tuba). As vozes dos três intérpretes foram captadas em estúdios distintos: Tom Zé no Vale do Silício, em São Paulo; Loretta também na Gravadora Experimental, em Tatuí; e Marcelo Segreto no Submarino Fantástico, novamente na capital.

A idade faz bem a Tom Zé e sua criatividade, que dialoga com as novas gerações com desenvoltura. Por essas e outras é apontado por pesquisadores como o tropicalista que mais fielmente seguiu a proposta do movimento ao longo de toda a carreira, ainda que correndo o risco do ostracismo por não se submeter às lógicas mercantis que regem a indústria musical.

O encontro entre essas três gerações não é acaso na trajetória de Tom Zé. Desde que David Byrne, de passagem pelo Rio nos anos 1990, encontrou num canto de loja o disco “Estudando o Samba” e o levou para o selo Luaka Bop — resgatando-o de um período obscuro que durava desde os anos 1970 —, o compositor fez da colaboração com jovens uma fonte de oxigênio. Quando o The New York Times listou “The Best of Tom Zé” entre os melhores discos de 1990, o baiano já havia sido esquecido pelas emissoras de rádio, sobrevivia dando aulas de violão e pensava em largar a música. Trinta e seis anos depois, lança um single com um compositor de 43 e uma cantora de 26 — a mesma idade que tinha ao desembarcar em São Paulo, em 1965, com o amigo Caetano Veloso para o espetáculo “Arena Canta Bahia”.

Segreto traz para o encontro uma filiação associada à herança tropicalista. Idealizador da Filarmônica de Pasárgada, grupo formado em 2008 por alunos do curso de música da USP, construiu uma carreira na fronteira entre a canção popular e procedimentos de vanguarda — do “O Hábito da Força” (2012) ao recente “De Canção em Canção” (2025). Loretta, por sua vez, chega ao projeto como estreante. Formada em piano clássico, transita entre o soul e o blues numa busca autoral dentro da música brasileira. Seu primeiro single solo, com arranjo que une piano e berimbau, está previsto para o primeiro semestre de 2027. A artista ainda está olhando seu jardim sonoro.

Resta saber se a parceria trigeracional se prolongará em novas canções ou se ficará como um único fruto.



Coube a 'Nosso Segredo', drama antirracista com elementos de fantasia, a consagração em Gramado na 54ª edição do festival

Kikito de melhor riqueza regional



Vitória de 'Nosso Segredo', que estreia nesta quinta, mostra a luta

de Gramado para romper com a hegemonia do eixo Rio x SP, coroando ainda um encantador ensaio afetivo do Ceará

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Um dos filmes mais aclamados do Festival de Gramado de 2025, "Querido Mundo", de Miguel Falabella e Hsu Chien Hsin, segue inédito em cartaz, um ano depois de sua consagração, após quicar com elegância pela Mostra de Tiradentes (MG) e pelo Festival de Cinema Brasileiro de Paris. Já os concorrentes aos longas-metragens de ficção deste ano parecem ter melhor sorte na caça a circuito, contando com distribuidoras de peso (tipo Vitrine. Downtown, Imovision) ou com data agendada para estrear. É esse o caso de "Nosso Segredo", de Grace Passô.

Coube a esse drama de pavimento antirracista, com elementos de fantasia, o Kikito de Melhor Filme de Ficção da 54ª disputa gramadense. A vitória chegou às vésperas de seu lançamento, que ocorre nesta quinta-feira. É primeira narrativa das Gerais, com voz autoral de Minas no comando,

que vence o evento gaúcho. Antes dela, só "Cabaret Mineiro" (1981), de Carlos Alberto Prates Correia (1941-2023).

O mesmo Prates, cria de Montes Claros, voltou a ganhar o deus-sol dos Pampas em 2007. Nessa data, contudo, sua vitória se deu por um ensaio documental: "Castelar e Nelson Dantas no País dos Gerais". Em 2022, Gabriel Martins, lá de Contagem, atropelou a rotina gaudéria com seu lúdico "Marte Um", vindo de Sundance. Mas não ficou no topo do pódio. Perdeu para o thriller acreano "Noites Alienígenas". Essa "perda" deve ser um bocado amortizada, pois o que se passou ali foi uma sucessão de galardões pra territórios distantes do eixo (dito) hegemônico RJ x SP. Em 2024, foi a vez de "Oeste Outra Vez", de Goiás, e, em 2025, o protagonismo ficou com Cuiabá (MT), após a gloriosa campanha de "Cinco Tipos de Medo". Desta vez, o barato de Grace simbolizou o maior barato para toda a polifonia de MG.

Estado que gerou gênios a granel (de Humberto Mauro a André Novais Oliveira), Minas anda



Grace Passô estreou como cineasta em 'Nosso Segredo', longa que denuncia o racismo com delicadeza. O filme parte da peça teatral 'Amores Surdos', texto de autoria da artista mineira

criando uma nova estética... uma tal de "estética do menos" (que é mais) para enquadrar a brasilidade a partir de enquadramentos que contemplam, que autopsiam dilemas em corpos vivos, que transcendem os vetores do trabalho numa terra de montanhas, como os cults "Arábia" (2017) e "O Dia Que Te Conheci" (2023). Nesse ínterim, uma fortíssima cena de cunho decolonial se desenhou ali, a devassar o racismo. Numa das seqüências mais tocantes de "Nosso Segredo", o filho jovem adulto de uma família em luto pela perda do patriarca

lamentava a forma preconceituosa como foi tratado num hospital. Ao cair de uma escada, enquanto grafava uma parede, o rapaz é hostilizado pela atendente, que o trata como se ele fosse uma presença recorrente ali na emergência, confundindo-o com muitos outros moços que, por serem negros, aos olhos intolerantes dela, parecem todos a mesma pessoa. Um marginal.

Grace faz essa denunciar com delicadeza. Parte da peça teatral "Amores Surdos", um texto de autoria da própria Grace. Produzido

por Ricardo Alves Jr., este inventário de cicatrizes, com um pé na fábula, foi o último dos seis longas de ficção da competição oficial gramadense a ser exibido. E foi o único a ser acolhido com o grito de "Bravo!"

A fotografia dionisiaca de Wilssa Esser assegura um aspecto crepuscular ao enredo que mistura finitude, recomeço e perenidade. Nele, uma família que tem vivências variadas do racismo e de outros mecanismos de exclusão luta para reconstruir sua rotina após a perda recente da figura paterna. Enquanto cada um dribla a dor à sua maneira, o filho caçula guarda um mistério que transcende as bordas do realismo.

Paralelamente ao cortejo de Minas pelas telas do Sul, o Ceará soltou rojões em Gramado ao contabilizar quatro Kikitos e uma menção honrosa em Gramado com "Feito Pipa". Sete anos após os êxitos a granel de seu "Pacarrete" (2019), Allan Deberton testou e comprovou o quão forte pode ser a adesão de seus compatriotas ao longa que lhe valeu o Urso de Cristal em solo alemão em fevereiro. A saga do menino de 11 anos queer Gugu (Yuri Gomes) para debelar a homofobia de seu pai fechou corações. Levou o troféu do Júri Popular como evidência de seu poder para cativar plateias. Tem a Paris Filmes (hoje uma das maiores distribuidoras das três Américas) para desenhar seu futuro. A presença de Lázaro Ramos no elenco, como a sombra paterna que rondava Gugu, amplia sua visibilidade.

Potencial blockbuster, "Chorão, Só Os Loucos Sabem", que premiou José Loreto, por sua forma devastadora de encarnar o líder do Charlie Brown Jr., fica para 2027. Antes, agora em 3 de setembro, quem pede passagem pelas telonas é "Gonzaguinha, Da Maior Liberdade", o Melhor Documentário de Gramado, que faz Susanna Lira galgar outro patamar de prestígio, ao dialogar com a mecânica das narrativas musicais de não ficção.

Tudo indica que, em outubro, a Mostra de São Paulo vai projetar "Justino – Nos Bastidores da Fé", drama biográfico com voltagem de thriller, dirigido por José Eduardo Belmonte. Ele e André Finotti assinam juntos a montagem, numa covalência de edição capaz de eletrizar as vivências do ex-pastor Mário Justino, um pregador ludibriador por bispos corruptos. Seu meio de desafiar os ranços religiosos faz com que a direção flagre os males do neopentecostalismo.

Essa edição feérica foi laureada, assim como o desempenho de seus atores Christian Malheiros e Onna Silva. Seus troféus consolidam uma reação do cinema à bestialidade da jihad que nos divide, com a ação de crentes que se filiam a falsos Messias.

Todo esse simbolismo expõe o vigor da equipe curatorial de nosso festival mais pop.

ENTREVISTA | **WILSSA ESSER**

DIRETORA DE FOTOGRAFIA

‘Desenho uma memória cognitiva de luz para cada figura em cena’



Edison Vara/Ag. Pressphoto

Wilssa Esser e o Kikito de Melhor Fotografia, por 'Nosso Segredo'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Costurando estéticas de curta em curta, em sua formação como diretora de fotografia, a venezuelana radicada no Brasil Wilssa Esser trocou experiências com a aclamada atriz das Geraís Grace Passô na feitura de “República”, produção de 16’ realizado em meio à pandemia, com ela direção. Depois que a covid-19 acabou, a estrela mineira resolveu dirigir seu primeiro longa-metragem e contou com Wilssa para domar a luz de uma paisagem de selvageria no eixo dos afetos... e dos traumas.

O desejo de fazer cinema (autoral) a partir de “Amores Surdos”, um texto teatral de autoria da própria Grace, converteu-se em “Nosso Segredo”, drama premiado com o Kikito de Melhor Filme de Ficção em Gramado, no último sábado. Sua estreia em circuito está programada para esta quinta-feira, no calor de sua consagração. Não houve boca em solo gaúcho que não elogiasse a trama de trilha sonora estonteante (composta por Amaro Freitas) esculpido entre luto, lágrimas e lama (ligada a um surpreendente signo animal). Nela, uma família que tem vivências variadas do racismo e de outros mecanismos de exclusão luta para reconstruir sua rotina após a perda recente da figura paterna. Enquanto cada um dribla a dor à sua maneira, o filho caçula guarda um mistério que transcende as bordas do realismo.

No papo a seguir, Wilssa analisa o barato de Grace na arte.

Como foi a sua troca com Grace Passô na realização de “Nosso Segredo”?

Wilssa Esser - Não é a nossa primeira colaboração. Fizemos um curta-metragem durante a pandemia, “A República”, e temos uma convivência de muita intimidade e afinidade em relação à linguagem. O nosso processo costuma ser bastante fluido. A Grace começou no cinema há relativamente pouco tempo, mas tem uma trajetória enorme como artista, sobretudo, no teatro. A minha colaboração com ela

entra como a de alguém com uma bagagem maior de cinema, porque estudo e trabalho com a linguagem cinematográfica há muito tempo. Trabalhamos muito no sentido de tentar traduzir, em termos de imagens e de fotografia, essa instauração performática que ela costuma criar numa cena.

Como essa troca te desafia?

Enquanto diretora de fotografia, um projeto como “Nosso Segredo” é um processo desafiador

porque, dramaturgicamente, o filme tem muitas camadas. Ao mesmo tempo, há uma facilidade em relação ao meu trabalho, porque a Grace faz a cena acontecer. Isso facilita muito. Conseguimos potencializar a cena do ponto de vista da imagem, e ela acontece. E isso é muito importante, tanto diante da câmara como internamente nos corpos dos atores.

A casa de “Nosso Segredo” parece quase uma protagonista. Como foi pensar**a luz a partir desse espaço que envolve todos os personagens?**

Foi um processo quase inexplicável para mim. É um filme coral, apesar de ter como ponto de vista protagonista o olhar de uma criança. O trabalho de luz foi quase como criar memórias individuais de cada personagem. O filme retrata uma família e, de alguma forma, todas as suas gerações, desde Efraim, um menino negro de seis anos, até os mais velhos. Então envolve muita coisa. Foi como desenhar cada personagem através da luz. Desenho uma memória cognitiva de luz para cada figura em cena.

Gramado foi caracterizado por uma presença muito forte de mulheres na direção de fotografia, em sua 54ª edição. Você sente que existe uma mudança efetiva no mercado para mulheres que fotografam filmes?

Essa 54ª edição do Festival de Gramado foi muito especial para nós, enquanto diretoras de fotografia. Tivemos vários longas-metragens na competição oficial fotografados por mulheres, e isso é algo que

deve ser valorizado. Nos últimos anos, temos visto que, à medida que mais diretoras de fotografia começam a ter oportunidades, também conquistamos mais espaços e recebemos mais reconhecimento. Há dois anos, aqui no Festival de Gramado, quem ganhou a direção de fotografia foi Renata Corrêa, premiada por “Nó”. No Festival do Rio do ano passado, foi Luciana Basseggio quem venceu, por fotografar “Ato Noturno”. Na medida em que conseguimos essas oportunidades, vamos conquistando espaços e recebendo reconhecimento porque, de fato, chegamos com outro olhar, outra sensibilidade e outra forma de nos relacionarmos com as histórias e com os corpos. Principalmente, trazemos tudo aquilo que vimos durante muito tempo e que já não queremos ver. Como transformamos isso em discurso, em imagem? Esse tem sido um caminho que ainda precisa de avançar muito. Não podemos dizer que atualmente existe equidade de gênero nos sets, muito menos no departamento de fotografia. Mas é um caminho que estamos trilhando aos poucos.

Você nasceu na Venezuela, formou-se em Cuba e vive no Brasil desde 2013. Como essa trajetória entrou na sua formação como diretora de fotografia?

Cresci em Caracas. Na época da minha formação, fui para Cuba e formei-me na Escola Internacional de Cinema e Televisão. Depois da escola, vim para o Brasil e estou aqui desde 2013. Em 2018 fiz o meu primeiro longa-metragem como diretora de fotografia e, a partir daí, comecei a minha carreira. Venho de uma escola muito grande de curtas-metragens. Aprendi muito sobre cinema fazendo curtas. Aí veio “Temporada”, meu primeiro longa, premiado em Brasília.

Que referências do cinema venezuelano foram importantes na sua formação?

Uma primeira referência importantíssima é Margot Benacerraf (1926-2024), uma cineasta que talvez tenha sofrido algumas tentativas de apagamento. Ela realizou “Araya”, selecionado para a competição oficial de Cannes em 1959. Foi uma das primeiras realizadoras mulheres da Venezuela e fez um filme belíssimo. Também há figuras extremamente importantes na minha carreira, como Mariana Rondón e Marité Ugás, que são uma dupla. Trabalhei com elas como estagiária de produção em alguns filmes. Foram grandes amigas e pessoas que me orientaram muito na carreira. Foram elas que me disseram: “Você vai estudar fotografia na Escola de Cinema de Cuba”. São referências fundamentais para mim.

A 'maldita'

está de volta

Pioneira na literatura lésbica, Cassandra Rios terá sua obra reeditada no Brasil

BÁRBARA BLUM
Folhapress

E difícil imaginar que a primeira escritora brasileira a vender mais de 1 milhão de exemplares tenha caído no esquecimento. Mas foi o que aconteceu com Cassandra Rios - e o que a editora Relicário quer desfazer. A editora firmou um contrato com o espólio da autora, conhecida pelos romances eróticos com protagonistas lésbicas, para reeditar sua obra.

Sem previsão de chegada ao mercado, devem ser publicados, a princípio, "Um Escorpião na Balança", de 1965, e "A Santa Vaca", publicado em 1984. O primeiro a ser reeditado narra a história de uma mulher que abandona o noivo por outra mulher. À moda de Rios, o êxtase do desejo realizado logo se torna um drama sobre abuso emocional.

Até agora, os livros de Cassandra eram assunto de sebo, com valores que podem chegar aos três dígitos. Desde a morte da escritora, em 2002, as reedições de sua obra foram esparsas. Em 2005, a editora Brasiliense relançou três títulos - "As Traças", "Crime de Honra" e "Uma Mulher Diferente" -, todos esgotados, e, há dez anos, o grupo Azul Editorial reeditou "Eu Sou uma Lésbica", publicado em 1980, também já esgotado.

Nascida Odete Rios em 1932, a paulistana publicou seu primeiro livro aos 16 anos, já sob o pseudônimo pelo qual ficaria conhecida. A obra foi rejeitada por todas as editoras que a receberam, mas Cassandra estava obstinada e foi trabalhar num escritório de advocacia para juntar o dinheiro necessário para sua publicação.



Pioneira da literatura lésbica, Cassandra Rios foi perseguida e censurada na Era Vargas e pelo regime militar imposto em 1964. Seus títulos, todos esgotados, chegam a custar três dígitos em sebos

“O lema ‘pátria, família e liberdade’ daquela época voltou com força. É um gesto grandioso de resistência essa autora voltar nesse momento. Ela foi censurada lá, mas aqui ela não vai ser”

JOICE NUNES

A família não gostou. À época, uma boa moça deveria casar e ter filhos. O desgosto foi tanto que a mãe ofereceu pagar pela publicação do livro. A autora topou, com a condição de que ela não o lesse.

A capa da obra é dramática. Sobre o fundo, tomado por uma enorme cabeça masculina em tons de cinza, uma mulher loira, com um vestido plissado branco, agarra o quadril de outra, de cabelos negros curtos, vestido esverdeado e pérolas no pescoço.

O título, "A Volúpia do Pecado", então, não deixa dúvidas

da picância, e o conteúdo dobra a aposta. A estreia de Cassandra narra o envolvimento amoroso de duas vizinhas, ambas adolescentes. A amizade vira romance tórrido, com direito a dezenas de páginas carregadas de descrições de sexo.

Segundo Maíra Nassif, fundadora da Relicário, além de Rios ter posto as relações homossexuais sob um holofote inédito na literatura brasileira, ela via a mulher como ser desejante, não apenas como objeto de desejo.

O romance chegou às livrarias em 1948 e foi um sucesso estron-

doso de vendas - a ponto de criar uma demanda pelo trabalho de Cassandra, que pôde viver de sua escrita, coisa rara para a época.

As vendas não impediram que a autora fosse alvo de censura. Numa entrevista a Jô Soares, em 1990, quando o talk show do apresentador ainda era exibido pelo canal SBT, a escritora relembrou a sua condenação por atentado ao pudor, ocorrida em 1952. A romancista tinha então só 20 anos.

A condenação de Cassandra Rios veio na esteira da publicação de "Eudemônia", ainda no governo de Getúlio Vargas. A cena é recuperada no documentário "Cassandra Rios - A Safo de Perdizes", feito por Hanna Korich e lançado em 2013.

A ditadura militar instaurada a partir de 1964 voltaria a reprimir Cassandra. Ao todo, a escritora teve 36 de seus romances censurados. Ela chegou a assinar um manifesto de escritores, movimento liderado por Lygia Fagundes Telles em 1977, mas teve seu nome retirado pelos colegas.

"Fui posta de lado. Eu, a escritora mais censurada do Brasil", disse a autora, na conversa com Jô Soares.

Para Joice Nunes, que fará a coordenação editorial da reedição, a retirada de seu nome foi um ato de injustiça e silenciamento.

Cassandra era bastante reservada em sua vida pessoal, mas não escondia sua sexualidade de ninguém. Ela era frequentemente vista com mulheres em restaurantes e levava namoradas para sua casa, no centro da capital paulista.

No documentário, a estrela da pornochanchada Nicole Puzzi, que atuou na adaptação cinematográfica de dois dos livros de Cassandra, lembra que havia certo tabu em ser vista com a escritora. "Ela sofreu as consequências de escrever um livro sobre sexo", diz.

Havia, ainda, o fato de Rios ser vista como uma autora popularesca. "Junta-se a isso o texto de alta voltagem erótica e já estigmatizado pela censura. Ele chegou em sua época duplamente estigmatizado", diz Maíra Nassif, da Relicário.

Mas Cassandra foi, sem dúvida, pioneira em suas temáticas. Ela escreveu o primeiro final feliz numa relação entre mulheres e foi vanguarda na despatologização da homossexualidade. "Ela vai fazer isso muito antes de a homossexualidade ser retirada da lista de doenças da Organização Mundial da Saúde", diz Ana Júlia Prado, mestrandia em literatura na Universidade Estadual de Campinas, no interior paulista, e especialista na escritora.

Em "Eudemônia", por exemplo, Cassandra retrata uma mulher lésbica que é internada num manicômio por sua orientação sexual, mas que insiste que não é doente.

A autora tem em comum com sua obra o fim trágico. Ela sofreu as consequências do estigma imposto pela ditadura e, mesmo após a democratização, não conseguiu retomar o sucesso de mercado que marcou sua carreira.

Ela morreu aos 69 anos, vítima de um câncer no útero. Teve de vender seus carros e pertences e pediu dinheiro a amigos para pagar as suas contas hospitalares.

Para Nunes, há certo senso de justiça na reedição de Rios. A Relicário planeja fazer uma "reinserção crítica", segundo Nassif, e recheiar as edições com prefácios de convidados e paratextos que contextualizem a obra e a autora.

Nunes traça um paralelo com movimentos atuais para criminalizar a Parada LGBT em São Paulo e o momento em que Rios foi censurada. "O lema 'pátria, família e liberdade' daquela época voltou com força. É um gesto grandioso de resistência essa autora voltar nesse momento. Ela foi censurada lá, mas aqui ela não vai ser."

Uma jornada rumo ao desconhecido

Monólogo em cartaz no Gláucio Gill adapta romance finalista do Jabuti e leva ao palco a jornada de uma mulher em busca de si mesma no Sudão do Sul

Ao começar a escrever o livro “Selvagem”, Marília Passos pensava em contar uma história de amor num lugar extremo. O lugar escolhido foi o Sudão do Sul, país que desde 2013 se arrasta numa guerra civil que já deslocou milhões de pessoas e transformou cada dia no território em exercício de sobrevivência.

Mas, ao longo da escrita, algo se deslocou. A autora percebeu que estava, acima de tudo, narrando a trajetória de uma mulher que encontra coragem para romper com uma vida infeliz e descobre que a transformação que procura não está no outro, mas dentro de si. Desse quarto romance, finalista do Prêmio Jabuti de 2023, surge agora o monólogo homônimo em cartaz até 4 de setembro no Teatro Gláucio Gill, em Copacabana, com direção de Fernando Philbert e Gabriela Rosas em cena.

A adaptação da obra literária para os palcos abriu camadas que a prosa até então não tinha revelado. “Novas leituras surgiram ao longo desse percurso. A criação nunca termina”, observa Marília. No palco, a história de Mariana — obstetra desencantada com o casamento e a vida que leva no Brasil — ganha uma espessura particular graças ao formato de monólogo, que dispensa interlocutores e deixa a voz da personagem preencher sozinha o espaço inteiro.

Mariana abandona tudo para se voluntariar numa missão dos Médicos Sem Fronteiras no Sudão do Sul. Confrontada pela violência, mergulha numa realidade



Gabriela Rosas destaca a coragem e desprendimento de sua personagem no solo ‘Selvagem’

“O foco não é a violência em si, mas a transformação dessa mulher. O que nos interessava era acompanhar essa virada de chave, a descoberta de uma nova forma de viver e de amar”

FERNANDO PHILBERT

extrema que desafia suas certezas e transforma profundamente sua maneira de existir. A personagem vive ainda uma paixão arrebatadora por Nino, médico brilhante e enigmático que lhe apresenta uma forma diferente de enxergar o mundo, e a trama se desdobra em discussões sobre as violências que o corpo feminino absorbe, as complexidades da maternidade e a sobrecarga mental que pesa sobre mulheres em todas as latitudes — do consultório brasileiro ao campo de refugiados africano.

Philbert, gaúcho de Porto Alegre que chegou ao Rio em 1997 após três anos na Marinha, sabe que o centro da peça não é a guerra. “O foco não é a violência em si, mas a transformação dessa mulher”, ex-

plica. “O que nos interessava era acompanhar essa virada de chave, a descoberta de uma nova forma de viver e de amar.”

A transformação de Mariana custa caro: ela perde referências, enfrenta violência, vive paixões que exigem renúncia. A peça propõe que a coragem de mudar de vida raramente vem acompanhada de certezas — e que é justamente na incerteza, paradoxalmente, que brotam as alegrias mais novas.

Encenador com mais de 30 espetáculos montados no Brasil, Uruguai e Portugal, Philbert passou por assistências de direção com Aderbal Freire-Filho, Domingos Oliveira e Lázaro Ramos — escola prática que lhe dá firmeza para conduzir um texto que oscila entre

o lírico e o brutal sem se perder em nenhum dos dois extremos. Ao abordar diferentes camadas da experiência feminina, o espetáculo abre espaço para múltiplas leituras: “Ao mesmo tempo, aborda questões femininas muito importantes, como a maternidade, a sobrecarga mental e as pequenas violências cotidianas”, reflete o diretor.

Gabriela Rosas trouxe para Mariana uma bagagem incomum. Formada em Cinema pela FAAP, estudou na École Philippe Gaulier, em Paris, escola conhecida por um método que combina rigor físico e provocação intelectual, onde mergulhou em máscara neutra, clown, bouffon e Tchekhov. Recebeu o Kikito de melhor atriz em Gramado pelo curta “Noite de Sol” e acumulou temporadas de teatro e televisão. “O que mais me emociona ao interpretar Mariana é acompanhar a coragem dela de sair de uma vida estável e se lançar ao desconhecido em busca de se sentir viva novamente”, diz. “Ao enfrentar situações extremas, inclusive no amor, ela encontra força para seguir em frente e transformar a própria história. Espero que o público seja atravessado por essa

trajetória e saia do espetáculo refletindo sobre seus medos, desejos e sobre a coragem necessária para mudar a própria vida.”

Marília Passos é autora de seis livros, além de ter colaborado em coletâneas de contos, roteiros de séries e filmes. Natural de Campinas, mudou-se para o Rio para estudar teatro, dança e literatura. Depois de 10 anos atuando em novelas e filmes, começou a se dedicar à escrita. Seus livros retratam universos distintos, mas seus personagens têm algo em comum: estão em busca de sua individualidade. Reinvenção e a busca pela verdade são os temas principais de sua obra. A adaptação de “Selvagem” marca também seu retorno ao teatro — ela mesma passou pela atuação antes de virar escritora, o que dá ao texto uma sensibilidade cênica que o diretor soube aproveitar.

SERVIÇO SELVAGEM

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)
Até 4/9, às quintas e sextas-feiras (20h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Rio,
cidade solar

O Rio amanhece devagar. Primeiro, uma claridade tímida atrás das montanhas. Depois, um fio dourado atravessando as nuvens. Até que o sol aparece. Inteiro. Quente. Quase atrevido. É quando o fotógrafo carioca começa a trabalhar. Não há despertador mais eficiente do que a luz. Ela chama.

Sai pelas frestas da janela. Escorrega pelos prédios. Toca o mar. Acorda os coqueiros. Beija o Corcovado. E, por alguns minutos, transforma uma cidade conhecida em outra completamente nova. O fotógrafo sabe. Por isso madruga. Sabe que a primeira luz não ilumina apenas. Revela.

O Pão de Açúcar ganha contornos de desenho. A Baía de Guanabara vira um espelho. A névoa sobre as montanhas parece fumaça de um velho filme. E o carioca, ainda sonolento, atravessa a calçada carregando o pão, o jornal, o cachorro, a pressa. Sem perceber que está dentro de uma fotografia. Depois vem o dia. A luz muda. Fica mais dura. Mais branca. Mais impiedosa. Mostra tudo. As fachadas. As cicatrizes. Os muros. As árvores. A beleza e as pequenas imperfeições de uma cidade que nunca foi feita para ser perfeita. Mas o fotógrafo espera. Porque sabe que o Rio guarda seu melhor segredo para o fim da tarde. Então o sol começa a descer. A cidade se acalma.

O dourado toma conta das montanhas. Os edifícios recebem uma última pincelada. O mar deixa de ser azul e começa a experimentar outras cores. Laranja. Âmbar. Rosa. Vermelho. No Arpoador, as pessoas param. Por alguns minutos, ninguém tem pressa. Até o aplauso chegar. É o Rio agradecendo ao sol. E o fotógrafo, silencioso, procura o instante. Aquele segundo em que a luz encontra o rosto de alguém. O barco passa diante do horizonte. Uma gaivota atravessa o quadro. O Cristo fica recortado contra um céu incendiado. Clique. A fotografia nasce. Mas não é apenas uma fotografia. É memória. Vinicius de Moraes, o Vininha, talvez tenha entendido melhor do que ninguém essa relação entre o carioca e o sol. O morador desta cidade parece mesmo nascer com uma vocação para ser “colorido pelo sol”.

E talvez seja justamente isso que faça do Rio uma cidade diferente. Aqui, a luz não é apenas fenômeno. É musa. É personagem. É companhia. Está nos cabelos dourados de quem corre pela orla ao amanhecer. Na pele salgada depois do mergulho. No rosto envelhecido do pescador. Na menina que brinca na areia. No casal que observa o horizonte sem dizer palavra. O fotógrafo carioca conhece essa intimidade. Ele sabe que pode fotografar a mesma paisagem mil vezes e nunca será a mesma fotografia. Porque o Rio muda conforme a luz. E a luz muda conforme o tempo. Talvez por isso o carioca olhe tanto para o céu. Não é distração. É hábito. É procura. É esperança. No Rio, amanhecer e entardecer são dois grandes estúdios a céu aberto. Sem paredes. Sem teto. Sem hora marcada.

E quando a última faixa de luz desaparece atrás das montanhas, o fotógrafo guarda a câmera. Por hoje, basta. Amanhã haverá outro amanhecer. Outra luz. Outra fotografia. E, provavelmente, mais um carioca caminhando pela cidade, distraído e feliz, sem perceber que, mais uma vez, está sendo delicadamente colorido pelo sol.

